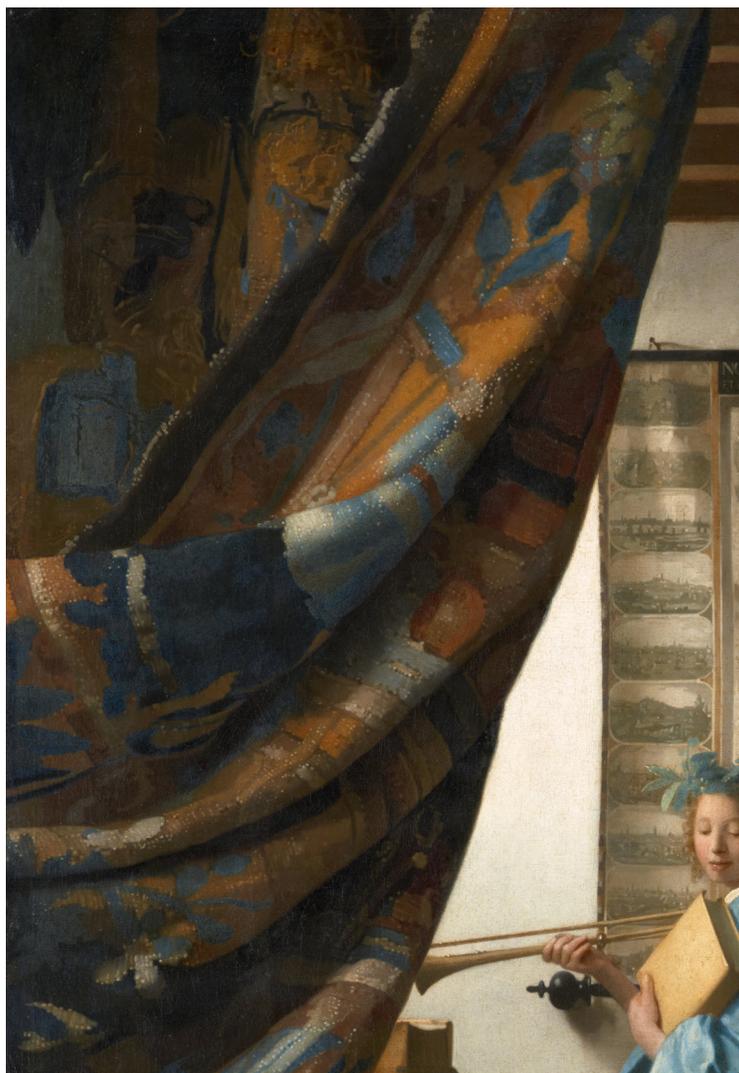


# Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 42 jan-jun 2020 ISSN 1413-6651

IMAGEM Detalhe de *Arte da pintura*, 1666, óleo sobre tela de Johannes Vermeer.

# IMAGEM E IMAGINAÇÃO NA *ÉTICA*: POR UMA TEORIA DINÂMICA DA IMAGINAÇÃO EM ESPINOSA

Giorgio Gonçalves Ferreira  
Professor Assistente, Universidade do Estado da Bahia,  
Campus XXI, Ipiaú-BA, Brasil  
giorgio.ferreira@gmail.com

RESUMO: O artigo discute as noções de imagem e imaginação na *Ética* de Espinosa. A análise iniciará elencando passagens nas quais Espinosa se refere às imagens como afecções do corpo e às imaginações como afecções da mente. Em um segundo momento, o texto se encaminhará para EIIPI7cor, a partir do qual será analisada a geração das imagens. Nesse momento, será posto em evidência o fato de que é o movimento — e não o vestígio — aquilo que constitui a essência das imagens. Na sequência, analisar-se-á a geração das imaginações na mente e serão tecidos alguns comentários sobre a memória em Espinosa. Por fim, convém destacar que o artigo limita-se à *Ética* por essa obra trazer alterações significativas na maneira como Espinosa pensa o assunto em relação aos seus textos de juventude.

PALAVRAS-CHAVE: Espinosa, *Ética*, imagem, imaginação, memória, movimento.

## I. IMAGEM E IMAGINAÇÃO: “CORPORIS AFFECTIONES SEU RERUM IMAGINES” VERSUS “MENTIS IMAGINATIONES”

A imagem, como Espinosa afirma, é uma afecção do corpo, e não da mente, ao passo que a imaginação é a ideia que a mente — e não o corpo — faz das afecções corporais.<sup>1</sup> É pautado em tal distinção que o autor poderá afirmar, por exemplo, que “a ideia não consiste na imagem de alguma coisa” e que a essência das imagens “é constituída exclusivamente de movimentos corporais” (ESPINOSA, 2009, E II P 49 esc., p. 149), ao passo que afirma que “uma imaginação é uma ideia” (ESPINOSA, 2009, E V P 34 dem., p. 399). A distinção entre a imagem e a imaginação reside no fato de a primeira ocorrer através de processos puramente mecânicos, ao passo que a segunda envolve uma atividade puramente mental. Se, no *TIE*, esta bipartição entre imagem e imaginação é ausente, e isso implicou na posição ambígua ocupada pela imaginação e pelo termo *sensatio*, que ora se referiam ao corpo, ora às ideias, esta mesma ambiguidade não ocorre na *Ética*.<sup>2</sup> A seguir, serão elencados momentos em que

1 “Daqui em diante, e para manter os termos habituais, chamaremos de *imagens* das coisas [*rerum imagines*] as afecções do corpo humano, cujas ideias nos representam os corpos exteriores como estando presentes, embora elas não restituam as figuras das coisas. E quando a mente considera os corpos dessa maneira, diremos que ela os imagina. Aqui, para começar a indicar o que é o erro, gostaria que observassem que as *imaginações* da mente [*mentis imaginationes*] [...]” (ESPINOSA, 2009, E II P 17esc., p. 111, itálico nosso).

2 Embora nem sempre esta distinção entre imagem e imaginação seja seguida à risca por Espinosa (cf. ESPINOSA, 2009, E III P 16 dem., p.183), isto não significa que ela não esteja presente na *Ética*, e é precisamente porque a ignora que Zourabichvili considera haver equivocidade no uso do termo imagem (*imago*) feito por Espinosa: “[...] Espinosa oferece o princípio de uma descrição do correlato físico da sensação [*sensation*], mas a sensação [*sensation*] ela mesma é mental. Certamente seu uso da palavra ‘imagem’ (*imago*) é equívoco, mas ele se dá ao trabalho de se explicar sobre este ponto: em sentido estrito a palavra deveria se reportar aos traços que os corpos

o conceito de imagem aparece sendo usado de um modo muito preciso e referindo-se sempre às afecções corpóreas, ao passo que a noção de imaginação aparece sempre referida ao pensamento.

O primeiro momento escolhido para amostragem ocorre no próprio escólio de E II P 17, onde o autor afirma que chamará de imagem das coisas [*rerum imagines*] as afecções do corpo humano [*corporis humani affectiones*]. Essas afecções são corpóreas, e não ideias. Por outro lado, como tudo o que ocorre no corpo é percebido pela mente (E II P 12), tais afecções são percebidas pela mente através de ideias, mais precisamente, através de ideias dessas imagens. Desse modo, são as ideias de tais imagens que representam os corpos exteriores como estando presentes, assim, quando a mente considera o corpo dessa maneira, isto é, através das ideias das imagens, diz-se que ela imagina, ou seja, que produz imaginações.

exteriores imprimem no cérebro através dos espíritos animais, pois a assimilação da ideia a uma imagem deixa entender que ela tem por causa o objeto que a representa; mas, para não ir contra o uso, chama-se igualmente imagem as ideias das afecções corporais que representam os corpos exteriores ‘ainda que elas não reproduzam a figura das coisas’. A ‘imaginação’ sempre designa, portanto, em Espinosa, um certo registro das produções mentais. Ora, se a sensação [*sensation*] não fosse homogênea à lembrança, a explicação da memória se revelaria quimérica: ela deslizaria [*glisserait*] sub-repticiamente do plano do corpo (imagem atual) para o plano das ideias (imagem das coisas passadas). É por isso que, somente após ter sublinhado que empregaria *imago* no sentido de uma produção mental, Espinosa designa sob o nome de *rerum imagines* as representações sonoras e visuais cuja associação conservada explica a formação da linguagem” (ZOURABICHVILI, 2002, p.136-137). Ocorre que ao não diferenciar imagem de imaginações, e ao agrupá-las à noção de sensação — como se este termo fizesse parte do vocabulário da *Ética* —, Zourabichvili reinsere na *Ética* justamente aquilo que Espinosa abandonara, qual seja, a equivocidade contida no uso do termo sensação.

O segundo, terceiro e quarto momento ocorrem em E II P40 esc.I, em E II P 48 esc. e em E II P 49 esc. Em E II P 40 esc. I Espinosa afirma que “no momento em que as IMAGENS se confundem inteiramente NO CORPO, A MENTE IMAGINARÁ todos os corpos também confusamente e sem qualquer distinção [*At, ubi imagines in corpore plane confunduntur, mens etiam omnia corpora confuse sine ulla distinctione imaginabitur* ]” (negrito meu) (ESPINOSA, 2009, p. 133). Destaca-se, aqui, (i) a afirmação de que as imagens se confundem no corpo, e (ii) o fato de a mente cumprir papel ativo na formação de imaginações.<sup>3</sup> Em EII P48esc, Espinosa afirma que, por ideias, compreende não “as imagens, como as que se formam no fundo do olho ou, se preferirem, no cérebro, mas os conceitos do pensamento [*Non enim per ideas imagines, quales in fundo oculi et, si placet, in medio cerebro formantur, sed Cogitationis conceptus intelligo*]” (ESPINOSA, 2009, p. 147). Nesta passagem novamente reafirma-se a concepção de imagem como sendo afecção do corpo. A distinção entre imagem e imaginação é, portanto, que a segunda é a ideia que a mente forma desta afecção estritamente corporal que se chama imagem. Novamente, em E II P49 esc. Espinosa afirma claramente que a ideia não consiste em uma imagem (*ideam neque in rei alicujus imagine*) e que a essência das imagens “é constituída exclusivamente de movimentos corporais” e que não envolve “de nenhuma maneira, o conceito de pensamento” (ESPINOSA, 2009, p. 149).

3 Mesmo na afecção o corpo resguarda um grau mínimo de atividade, posto que, se assim não fosse, pereceria. O mesmo ocorre na imaginação, onde a mente também parece desempenhar um papel ativo, ainda que em grau mínimo. Assim, uma ideia nunca é, nem pode ser, totalmente inadequada, posto que equivaleria ao não ser (EII P35 e EII P43esc.). Da mesma maneira, uma afecção corpórea não é nunca uma total negação, posto que é isso mesmo o que constitui a prova da atualidade do corpo (E II P 19).

Além disso, cumpre observar duas passagens da quinta parte da *Ética*: em E V P I, momento em que o autor equipara as imagens às afecções do corpo (*corporis affectiones seu rerum imagines*); e, na demonstração de E V P 34, quando o autor afirma, por outro lado, que uma imaginação é uma ideia.

Os momentos elencados evidenciam o uso que Espinosa faz dos dois termos latinos *imagines* e *imaginatio*. O primeiro refere-se às afecções corporais, ao passo que o segundo se refere às ideias. Pautado em tal uso deve-se diferir, então, entre imagem e imaginação. Os exemplos dados acerca da diversidade de uso dos termos imagem/imaginação são suficientes para mostrar que no escólio de E II P 17 são definidas duas coisas distintas, a saber a imagem, que é uma afecção do corpo, e a imaginação, ou o ato de imaginar, que consiste em uma ideia que a mente forma desta afecção.

Ainda acerca das noções de imagem e imaginações, duas tentações ocorrem. A primeira é supor que, uma vez que o autor oferece uma explicação física das imagens, as afecções do corpo seriam a causa das imaginações.<sup>4</sup> A segunda seria a de conceber a imagem como algo

4 Neste sentido, a opção de tradução feita por Tomaz Tadeu não parece ser a melhor, uma vez que insere o termo *causa* para referir-se à relação entre tais afecções corpóreas a as ideias feitas pela mente. Tradução de Tomaz Tadeu: “[...] enquanto assim rebatidas, elas [as partes fluidas] continuam a se mover, afetando o corpo humano da mesma maneira que antes, a mente, (pela prop. 17), *por causa* dessa afecção, pensará a mesma coisa, isto é, considerará novamente o corpo exterior como estando presente” (EII P 17 cor. dem.) (negrito nosso) (ESPINOSA, 2009, p. 109). Texto latino: “[...] eodem modo reflectantur, ac cum a corporibus externis versus illa plana impulsae sunt, et consequenter ut corpus humanum, dum sic reflexae moveri pergunt, eodem modo afficiant, de quo mens (per prop. 12 hujus) *iterum* cogitabit, hoc est (per prop. 17 hujus), mens *iterum* corpus externum ut praesens contemplabitur [...]” (ESPINOSA, 2009, p. 108, E II P 17 cor. dem., itálico nosso).

estático e não dinâmico.

Quanto à primeira suposição, na demonstração do corolário de E II P 17, o texto afirma que, dada as afecções, a mente forma uma ideia, e não que a mente, por causa das afecções, forma uma ideia. Com efeito, a definição de ideia — e isto inclui as ideias inadequadas — oferecida em E II D 3 diz que a ideia é um “conceito da mente, que a mente forma porque é uma coisa pensante” (ESPINOSA, 2009, p. 79), e não porque é afetada pelo corpo. Embora a mente perceba as imagens, a causa da formação de suas ideias reside em Deus (E II P 5, E II P 6 e E II P 9), enquanto Deus é considerado apenas como coisa pensante. Além disso, como afirma o escólio de EII P 7, “um modo da extensão e a ideia desse modo são uma só e mesma coisa que se exprime, entretanto, de duas maneiras” (ESPINOSA, 2009, E II P 7 esc., p. 87). Assim, a formação da imagem, no corpo, e a formação da ideia da imagem, na mente, são duas expressões distintas de uma única coisa, e não devem ser considerados em termos de causa e efeito.

A segunda suposição, de que as imagens seriam algo estático, se desfaz na medida em que as próprias afecções corpóreas são concebidas por Espinosa em termos dinâmicos. Caso se atente, por exemplo, ao que é afirmado em E I P 4, no lema I de E II P 13 e na definição de indivíduo em EII P 13, ver-se-ão claramente os fundamentos dessa afirmação. Em E I P 4 Espinosa afirma que as coisas se distinguem entre si ou pela substância ou pelas afecções; por sua vez, o lema I de E II P 13 estabelece que “os corpos se distinguem entre si pelo movimento e pelo repouso, pela velocidade e pela lentidão, e não pela substância” (ESPINOSA, 2009, p. 99). Isto significa dizer que as relações de movimento e repouso são

as próprias afecções corpóreas,<sup>5</sup> e não que tais relações são um tipo de afecção. Os corpos não se distinguem por sua figura,<sup>6</sup> ou por suas marcas, ou por seus vestígios<sup>7</sup>; os corpos distinguem-se entre si por suas afecções (E I P 4 e E I P 5), isto é, por suas relações de movimento e repouso (E II P 13 lema 1).<sup>8</sup> Posto isto, o que define um indivíduo será, então, suas relações internas de transmissão de movimento. Assim, dado que o autor afirma que as afecções do corpo são imagens, pode-se afirmar, sem maiores problemas, que o movimento constitui a essência das afecções corporais. É justamente porque o movimento constitui a essência das afecções corporais que, ao oferecer a genética de tais afecções, na Pequena Física, o autor inicia por sua causa próxima, qual seja, pelas relações de movimento e repouso (E II P 13 ax 1 e E II P 13 ax 2); e é também por isso que o autor afirmará que a essência das imagens

5 Esta mesma concepção dinâmica das afecções corpóreas é transposta, por Espinosa, para o âmbito do pensamento, e é neste sentido que as ideias — afecções da mente — também serão concebidas em termos dinâmicos, isto é, em termos de narrativa mental. Cf. GLEIZER, 1998; REZENDE, 2009; REZENDE, 2004.

6 A figura é apenas um ente de razão e, enquanto tal, não poderia configurar-se como afecção de coisa alguma. Cf. TIE, §95 e Carta 50.

7 Não se sustenta, pois, a tentativa de definir a forma do corpo como sendo “a totalidade das figuras que podem lhe revestir”, como pretende Vinciguerra (VINCIGUERRA, 2005, p. 140), o que define um corpo, e que o diferencia dos demais, não é esta totalidade de figuras que ele é apto a receber, mas as suas relações internas de movimento e repouso. Aliás, a própria definição de indivíduo é colocada em termos de transmissão de movimento: “Quando corpos quaisquer, de grandeza igual ou diferente, são forçados por outros corpos, a se justaporem, ou se, numa outra hipótese, eles se movem, seja com o mesmo grau, seja com graus diferentes de velocidade, de maneira a *transmitirem seu movimento uns aos outros segundo uma proporção definida [ut motus suos invicem certa quadam ratione communicent]*, diremos que esses corpos estão unidos entre si, e que, juntos, compõem um só corpo ou indivíduo, que se distinguem dos outros por essa união de corpos” (ESPINOSA, 2009, EIIP13def., p. 101, itálico nosso).

8 Acerca de uma concepção dinâmica do corpo na filosofia de Espinosa, cf. FERREIRA, 2018.

“é constituída exclusivamente de movimentos corporais [*et imaginum essentia a solis motibus corporeis constituitur*]” (ESPINOSA, 2009, E II P 49 esc., p. 149). A concepção de que as imagens não são algo estático é novamente corroborada pela análise de E III post. 2. Neste momento Espinosa afirma que, mantendo-se as mesmas impressões ou vestígios das coisas (*objectorum impressiones seu vestigia*), mantêm-se, conseqüentemente (*consequenter*), as mesmas imagens dos objetos (*easdem rerum imagines*). Neste caso, as mesmas imagens são mantidas como uma *conseqüência* de se manter os mesmos vestígios, e não porque os vestígios são as imagens. O papel desempenhado pelo vestígio na formação da imagem é o de determinar o ângulo — e, portanto, a direção e o sentido —, em que se dará o rebatimento dos movimentos corporais.<sup>9</sup> Desse modo, mantendo-se os mesmos vestígios, conseqüentemente mantêm-se os mesmos movimentos; e, dado que o movimento constitui a essência das imagens, mantêm-se as mesmas imagens. E não é senão isto que é dito na demonstração do corolário de E II P 17, quando Espinosa afirma que dessa afecção [ou seja, deste rebatimento, ou seja, deste movimento interno] a mente formará, novamente, o mesmo pensamento.

## II. A GENÉTICA DAS IMAGENS

O artigo tratou, até aqui, do surgimento da noção de imagem, mas o mais correto seria dizer do surgimento da noção de imagens, no plural, isto porque a dinâmica que envolve o corpo humano — e, conseqüentemente, as ideias que o percebem — não é simples, mas envolve uma complexidade. Aliás, a essência mesma do homem já é

9 Cf. E II P 13 lema 3 ax.2, E II P 17 dem. do cor.

marcada por esta complexidade, como o atesta o corolário de E II P 10, no qual Espinosa afirma que “[...] a essência do homem é constituída por modificações definidas dos atributos de Deus.” (ESPINOSA, 2009, E II P 10 cor., p. 93). O uso do plural, neste caso, indica que o homem nunca pode ser definido como uma única modificação, posto que sua essência é constituída de modificações — no plural<sup>10</sup> — definidas nos atributos de Deus.<sup>11</sup> Seguindo no texto, após definir em E II P 13 que “o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo” (ESPINOSA, 2009, p. 97), o autor oferece uma série de lemas, postulados, axiomas e corolários, conhecidos como Pequena Física, para explicar a natureza do corpo. Neste momento Espinosa dirá, dentre outras coisas, que: (i) “o corpo humano compõe-se de muitos indivíduos (de natureza diferente), cada um dos quais é também altamente composto” (E II P 13 post. 1) e (ii) “os indivíduos que compõem o corpo humano e, conseqüentemente, o próprio corpo humano, são afetados pelos corpos exteriores de muitas maneiras” (ESPINOSA, 2009, p. 105, E II P 13 post. 3). E, um pouco mais adiante, que (iii) “a ideia que constitui o ser formal da mente humana não é simples, mas composta de muitas ideias.” (ESPINOSA, 2009, p. 107, E II P 15) Isto posto, é, pois, impossível considerar uma afecção do corpo (ou da mente) isoladamente, uma vez que o corpo humano nunca é afetado por uma única coisa; no mínimo, o conjunto de corpos que o compõe está afetando-se mutuamente; além do mais, pelo post. 4 de EIIPI3, o corpo humano tem necessidade de outros corpos para regenerar-se continuamente. Desse modo, considerar uma afecção como se a mesma pudesse ser tomada isoladamente é dissociar o corpo humano de

10 Como nota muito bem Lorenzo Vinciguerra (2005, p. 186).

11 Cf. também MACHEREY, 1997, p. 101-102.

tudo isso que o constitui, ou seja, criar uma ficção.<sup>12</sup>

A geração desse complexo de afecções, chamado de imagens, é descrita — em linhas gerais, obviamente — pela demonstração do corolário de EIP 17. Neste momento Espinosa demonstra a afirmação de que “a mente poderá considerar como presentes, ainda que não existam nem estejam presentes, aqueles corpos exteriores pelos quais o corpo humano foi uma vez afetado”, e, para tanto oferece uma explicação do mecanismo perceptivo, ou, dito de outro modo, do mecanismo através do qual os corpos externos afetam o corpo humano e como essa afecção ocorre no interior do mesmo.

Quando corpos exteriores determinam as partes fluidas do corpo humano a se chocarem, um grande número de vezes, com as partes mais moles, as partes fluidas modificam as superfícies das partes moles (pelo post. 5). Como resultado (veja-se o ax. 2, que se segue ao corol. do lema 3), as partes fluidas são rebatidas diferentemente de antes e, além disso, ao encontrarem, depois, em seu movimento espontâneo, as novas superfícies, elas são rebatidas da mesma maneira com que foram, inicialmente, impelidas em direção a essas superfícies pelos corpos exteriores e, conseqüentemente, uma vez que, enquanto assim rebatidas, elas continuam a se mover, afetando o corpo humano da mesma maneira que antes, assim, a mente (pela prop. 12), por sua vez, pensará a mesma coisa, isto é (pela prop. 17), considerará novamente o corpo exterior como estando presente. E isso tantas vezes quantas forem as vezes que as partes fluidas do corpo humano vierem a encontrar, em seu movimento espontâneo, essas mesmas superfícies. Portanto,

12 A formulação de uma ideia, portanto, não se constitui nunca como o ato de isolar uma percepção, mas, antes, de tomá-la em conjunto com outras: uma ideia é sempre um conjunto de ideias, ou um conjunto de percepções. É o que está dito em E II P 16: “a ideia de cada uma das maneiras pelas quais o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores deve envolver a natureza do corpo humano e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior” (ESPINOSA, 2009, p. 107).

ainda que os corpos exteriores pelos quais o corpo humano foi uma vez afetado não existam, a mente os considerará, entretanto, tantas vezes presentes quantas forem as vezes que se repetir essa ação do corpo (ESPINOSA, 2009, p. 109, E II P 17 cor. dem.).<sup>13</sup>

Neste caso, temos então, em um primeiro momento: (a) os corpos exteriores que (b) determinam as partes fluidas a se chocarem um grande número de vezes com as partes mais moles, o que (c) gera os vestígios. Em um segundo momento, temos as partes fluidas que são rebatidas de modo distinto de antes, e seguem em seu movimento espontâneo. Em um terceiro momento, essas partes fluidas encontram novamente os vestígios deixados pelo movimento de outrora e, por isso, são rebatidas da mesma forma que outrora. O primeiro momento explica a formação dos vestígios. O segundo momento aponta para o fato de, após a formação dos vestígios, as partes fluidas alterarem o modo do seu rebatimento. O terceiro momento indica o fato de, uma vez retomado o seu movimento espontâneo, ao reencontrarem as superfícies marcadas pelos vestígios, as partes fluidas serem rebatidas do mesmo modo que eram outrora, quando não estavam em seu movimento espontâneo.

A explicação de Espinosa descreve a seguinte situação: um corpo externo determina as partes fluidas do corpo humano a se chocarem um grande número de vezes com as partes mais moles. Tal situação pressupõe a persistência do corpo externo — ou a duração da determinação por ele exercida —, ou seja, uma vez que ele determinou as partes fluidas a se chocarem não apenas uma única vez com as partes moles, mas um grande número de vezes, percebe-se, pela quantidade de vezes,

13 Fizemos uma pequena alteração na tradução de Tomaz Tadeu no intuito de remover a afirmação – ausente do texto latino – de que a mente forma novamente a mesma imaginação *por causa* da repetição do movimento. Cf. nota 4.

a persistência da afecção exercida pelo corpo externo em relação ao corpo humano. Isto explicaria por que, mais adiante, na mesma demonstração, Espinosa fala em uma retomada do movimento espontâneo pelas partes fluidas. Tal retomada não é outra coisa senão que o corpo externo deixou de afetar o corpo humano. No entanto, durante o período em que este corpo pressionava a corpo humano, o percurso da parte fluida foi alterado, e, em seu movimento não-espontâneo, passou a chocar-se diferentemente com as partes moles, gerando um vestígio. Tal vestígio, por sua vez faz com que as partes moles sejam rebatidas diferentemente de antes. Tudo isso enquanto perdura a determinação do corpo externo. Uma vez afastado o corpo externo e a determinação que o mesmo causara no movimento da parte fluida, a mesma retoma seu movimento espontâneo. Todavia, permanece o vestígio causado outrora. Desse modo as partes fluidas, reencontrando novamente os mesmos vestígios, são rebatidas (*reflectantur*) por esses vestígios da mesma maneira que outrora.

Como se percebe, a explicação de Espinosa gira em torno de rebatimentos, vestígios, moleza ou dureza das partes e, sobretudo, de movimento. Não é tanto uma questão de vestígios deixados pelo corpo externo,<sup>14</sup> como o pretende Vinciguerra, mas, antes, é o fato de a parte fluida repetir o mesmo movimento o que faz com que a mente considere novamente o corpo exterior como estando presente. Não é o vestígio,

14 O próprio vestígio é formado pelo movimento interno, e se, de alguma forma, intervém posteriormente neste movimento, é como elemento que determinará o seu ângulo de rebatimento, tal qual é descrito no segundo axioma de E II P 13 lema 3. Aliás, a única remissão feita ao referido axioma é na demonstração do corolário de E II P 17, imediatamente após Espinosa descrever a formação de modificações geradas a partir do choque das partes fluidas com as partes moles, isto é, dos vestígios (cf. E II P 13 post. 5).

mas o movimento que constitui a essência da imagem.<sup>15</sup> Percebendo uma repetição da mesma sequência de movimentos, a mente formará de novo o pensamento; isto é, a mente considerará de novo o corpo exterior como presente (E II P 17 dem. do corolário). Mais que isso, a mente não percebe apenas os vestígios, ela percebe tudo aquilo que se passa no objeto que constitui a sua ideia (E II P 12), ou seja, ela percebe tudo aquilo que se passa no corpo. Assim sendo, a mente não percebe apenas o último termo deste movimento, ela percebe o movimento como um todo. É a partir deste movimento, e não apenas de seu último termo ou do vestígio, que a mente forma uma ideia.<sup>16</sup> Ora, o que pretende o corolário de E II P 17? Tal corolário pretende estabelecer que “a mente poderá considerar como presentes, ainda que não existam nem estejam presentes, aqueles corpos exteriores pelos quais o corpo humano foi uma vez afetado” (ESPINOSA, 2019, p. 109). E como ele é demonstrado? O corolário é demonstrado afirmando que um corpo exterior determina a parte fluida a se chocar com a parte mole, formando vestígios, os quais, por sua vez, fazem com que as partes fluidas, em seu movimento espontâneo, sejam rebatidas do mesmo modo que foram quando o corpo exterior estava presente. Ou seja, o corolário é demonstrado

15 “Pois a essência das palavras e das imagens é constituída exclusivamente de movimentos corporais, os quais não envolvem, de nenhuma maneira, o conceito do pensamento [*Verborum namque et imaginum essentia a solis motibus corporeis constituitur, qui Cogitationis conceptum minime involvunt*]” (ESPINOSA, 2009, E II P 49 esc., p. 149).

16 Ou seja, é apenas quando a relação mente-corpo é colocada em termos de causalidade que se pode dizer que a mente percebe apenas o último termo deste movimento, qual seja, o vestígio, e a partir dele, como que por uma espécie de prolongamento do movimento, uma ideia se forma na mente. Note-se, novamente, que, na *Ética*, diferentemente do *TIE* e dos *CM*, Espinosa não afirma que a mente percebe um vestígio estático que se instala no cérebro, mas o movimento que ocorre no corpo.

descrevendo o mecanismo pelo qual o mesmo movimento interno do corpo — o rebatimento — é repetido, e não afirmando que se forma o mesmo vestígio ou que a mente dirige sua atenção ao vestígio formado.

Concordamos, aqui, com a análise de Vinciguerra, quando este afirma que “[...] a imagem não é definida no singular, mas no plural [*imagines*], como se a percepção se explicasse pela dinâmica de uma produção contínua” (VINCIGUERRA, 2005, p. 186). As imagens, portanto, não se referem à figura das coisas, elas são afecções (no plural) das coisas, elas remetem a uma dinâmica corporal. No entanto, apesar da concordância, discordamos da consequência extraída pelo comentador de que “[...] a imaginação não percebe a forma dos corpos, nem mesmo diretamente suas figuras: ela percebe *em imagens os traços de suas figuras*” (VINCIGUERRA, 2005, p. 186). Tal discordância se dá tendo em vista que isso equivaleria a perceber a imagem, ou imaginar, por todo o tempo em que os vestígios estão presentes, coisa que Espinosa em momento algum afirma. Para ser mais preciso o autor diz que quando o *rebatimento* — e não os vestígios — se repete, o corpo é afetado da mesma maneira, e a mente forma a mesma ideia.

O que são, pois, as imagens? A imagem é uma afecção corpórea, um determinado movimento que ocorre dentro do corpo. Quando este movimento interno ocorre dá-se, então, a percepção mental de algo. Tome-se como exemplo a cor branca que alguém percebe quando se depara com uma superfície perfeitamente plana, e que rebate todos os raios homogeneamente.<sup>17</sup> Quando seu corpo é afetado pelos raios luminosos oriundos desta superfície, estes raios, ao tocarem o seu corpo, provocam movimentos internos; estes movimentos internos, por sua

17 Cf. Carta 9 (ESPINOSA, 1925, G IV 42-46).

vez, são rebatidos no interior desse corpo, e, nesse rebatimento, deixam vestígios no interior do corpo. Quando, na ausência desta superfície, o movimento espontâneo do corpo reencontra aqueles vestígios e é rebatido novamente da mesma maneira, tem-se, conseqüentemente, o mesmo movimento, e, portanto, a mente perceberá, novamente, a cor branca. Isto explicaria, por exemplo, o fato de alguém, após olhar fixamente para uma lâmpada, e apagá-la logo em seguida, continuar a perceber o clarão ainda por alguns segundos; ou o fato de alguém continuar a sentir os movimentos de um navio logo após o desembarque. Os dois casos explicam-se, dentro do pensamento de Espinosa, como sendo casos em que os movimentos internos continuam sendo rebatidos da mesma maneira mesmo na ausência do corpo externo que os causou, isto é, como sendo casos em que a imagem permanece mesmo na ausência do corpo externo que a causou; e, como a imagem — o movimento interno — continua a se repetir, a mente continua a formar a mesma imaginação, e continua a perceber o clarão mesmo após a lâmpada ser desligada, ou, no caso do navio, continua a sentir os movimentos da embarcação mesmo após estarmos em terra firme.<sup>18</sup> Assim, o que explica a possibilidade dos movimentos internos continuarem a ser rebatidos da mesma maneira é o fato de os vestígios — os traços, as marcas — permanecerem mesmo após não sermos mais afetados pelo corpo externo. Temos, então, a imagem, que é o movimento interno, e a imaginação, que é a percepção da cor branca, ou, no caso do navio, a percepção do balanço das águas.

18 E vice-versa, quando a mente imagina a cor branca, repete-se o mesmo movimento no corpo. Todavia, como a imaginação formada pela memória é mais fraca do que aquela formada na presença do corpo exterior, o rebatimento será mais fraco do que quando o corpo exterior estava presente.

### III. A GENÉTICA DAS IMAGINAÇÕES

Em qualquer imaginação estão em jogo, ao menos, as ideias de dois corpos: a ideia do corpo humano e a ideia do corpo externo (E II P 16). Assim, a formulação de uma imaginação não se constitui nunca como o ato de isolar uma percepção, mas, antes, como o ato de considerá-la em conjunto com outras: uma imaginação é sempre um conjunto de imaginações, ou um conjunto de percepções. É o que está dito em E II P 16: “a ideia de cada uma das maneiras pelas quais o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores deve envolver a natureza do corpo humano e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior” (ESPINOSA, 2009, p. 107). Ora, como ficou evidenciado em E II P 15, a ideia do corpo humano é composta também das muitas ideias das partes que o compõem; e essas partes, por sua vez, estabelecem relações entre si, agem umas sobre as outras e deixam vestígios umas nas outras; do mesmo modo, um corpo pode ser afetado por vários outros corpos externos ao mesmo tempo. Assim sendo, a ideia de um corpo exterior, na medida em que envolve o estado em que se encontra o corpo humano, poderá variar de um momento para outro. É desse modo que a ideia inadequada formada pela imaginação designa o constructo mental oriundo da maneira como o corpo humano é afetado por outro corpo, e, por isso, indica mais o estado do corpo humano do que a natureza do corpo exterior (E II P 16cor.2). Assim, a imaginação formada não é representativa do corpo humano ou do corpo exterior, mas representa o modo como o corpo humano é afetado por este corpo exterior, e o modo como se encontra o corpo humano na medida em que é afetado por este corpo exterior. Como exemplo, pode-se considerar alguém que nunca se deparou com um cavalo, e que, ao encontrar-se em uma guerra, envolto em cavalos, bombas, mortes, medos, etc., tem seu corpo

afetado pelo do cavalo ao mesmo tempo em que é afetado por todos estes outros elementos. Essa mesma pessoa, posteriormente, ao imaginar um cavalo, formará uma ideia inadequada que envolve todos esses elementos. Assim, a ideia formada pela imaginação do cavalo não será representativa da figura de um cavalo, mas do estado do corpo humano na medida em que este foi afetado pela visão do cavalo. Isto significa dizer que a ideia deste cavalo, formada pela imaginação, envolverá (i) a figura do cavalo, obviamente, (ii) o som das bombas, (iii) os medos, etc. Enfim, a figura deste cavalo envolverá todos os elementos vivenciados pelo corpo humano juntamente com a figura do cavalo, eis por que a imaginação não reproduz a figura das coisas.

É justamente pelo fato da ideia formada pela imaginação não ser representativa da figura das coisas, mas sim das afecções do corpo humano que, no escólio seguinte, ao tratar da memória, Espinosa dirá que esta é uma certa concatenação de ideias que envolve a natureza das coisas exteriores e que se produz na mente segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano. A concatenação efetuada pela memória distingue-se, então, da concatenação efetuada pelo intelecto, posto que esta última deve *explicar* a natureza dos corpos exteriores segundo a ordem de sua produção, ao passo que a primeira é uma concatenação que envolve — mas não explica — a natureza dos corpos exteriores. Se Espinosa diz que a concatenação promovida pela memória envolve, mas não explica, a natureza dos corpos exteriores é porque (i) as ideias contidas nessa concatenação são, na verdade, ideias inadequadas das afecções do corpo humano, e, por isso mesmo, (ii) essas ideias se dão segundo a ordem das afecções do corpo humano. Essa é a razão, prossegue Espinosa, pela qual um ser humano passa do pensamento de uma coisa para o pensamento de outra que não tem com ela qualquer seme-

lhança. Assim, para ficar no exemplo oferecido pelo autor, um soldado romano, ao se deparar com os vestígios [*vestigiiis*] de um cavalo na areia, “imediatamente do pensamento do cavalo passa ao do cavaleiro, e daí ao pensamento da guerra, etc. Um camponês, ao contrário, do pensamento do cavalo passará ao da charrua, do campo, etc” (ESPINOSA, 2009, E II P 18 esc., p. 113).

Além do exemplo trazido por Espinosa, pode-se pensar também no caso das cores. Em primeiro lugar, há de se destacar que a ideia de uma cor não é oriunda da relação entre a mente e o corpo, mas, antes, é a ideia da afecção gerada pelo encontro entre dois corpos. Em segundo lugar, que ao menos um destes corpos (o corpo humano) não é simples, e constitui-se de um conjunto de afecções, e isto implica que a afecção gerada pelo corpo exterior envolverá as outras afecções do corpo humano; com efeito, um mesmo plano que reflete um conjunto de raios luminosos poderá ser percebido por uma pessoa normal sendo de uma determinada cor, e por uma pessoa com daltonismo como sendo de outra cor, e isto não tanto por um defeito da mente ou de sua união com o corpo, mas, antes, pelo fato de, uma vez que o corpo humano encontra-se afetado por outras coisas, a afecção causada pelo corpo externo não será a mesma em um caso e em outro (ver E II P 16 cor. 2). Em terceiro lugar, dado que o corpo humano encontra-se sempre afetado de muitas maneiras, a percepção de uma afecção corporal se faz sempre por contraste.<sup>19</sup> Como bem nota Vinciguerra, uma vez que toda

19 É justamente a ausência deste contraste o que faz com que Espinosa afirme no § 78 do *TIE* que, se houvesse uma única ideia na mente, não haveria nenhuma dúvida e nenhuma certeza, mas apenas uma certa sensação. Ou, em nota ao §3 do capítulo 20 da segunda parte do *Breve Tratado*, que use da metáfora de que “quando a parede é toda branca, não há nela nem isso nem aquilo” (ESPINOSA, 2012, p.136).

determinação é negação, a determinação de uma ideia (ou percepção) requer todo um sistema de diferenças e negações para que a mesma seja concebida como tal. Desse modo a cor branca só pode ser percebida mediante todo um conjunto de afecções a partir do qual a mesma seria destacada e determinada como branca. Na ausência deste conjunto de afecções, nenhuma percepção (ou ideia) é possível.

Se sentíssemos apenas a sensação [*sensation*] do vermelho, não perceberíamos o vermelho. Por outro lado, se percebemos alguma coisa vermelha (a diferença desta marca sobre este fundo, por exemplo), é que, com a sensação [*sensation*], temos também outras ideias a partir das quais a marca vermelha pôde ser percebida como esta marca, este realce vermelho. *Omnis determinatio est negatio*, pois, para produzir tal significação determinada, há necessidade de um sistema de diferenças (isto é, de posições e negações relativas) e de inferências (isto é, de encadeamentos) que permitem a afirmação da sensação [*sensation*] como percepção de alguma coisa determinada. Mais geralmente, portanto, se pudéssemos ser apenas uma única sensação, isto equivaleria a não conhecer nada em particular (VINCIGUERRA, 2005, p. 49).

A percepção se faz, pois, por um complexo<sup>20</sup> dinamismo corporal que é inteiramente percebido pela mente, mas cujos efeitos são destacados, agrupados em conjuntos, e nomeados: “branco”, “vermelho”, “azul” designam tais complexos de afecções destacados de suas causas e batizados com um determinado nome. O que é, então, este branco que percebo nas coisas? Este branco é a ideia que a mente faz do resultado da ação de um corpo sobre outro corpo, ou seja, é a ideia que a mente faz de uma afecção do seu corpo. Não é, portanto, nem algo extenso, posto que ideia, e nem algo que se dá nas coisas, posto que

20 Complexo no sentido de que envolve um conjunto de afecções e, portanto, de causas.

é a ideia de uma afecção do próprio corpo, mas que pelo mecanismo mesmo da imaginação é projetado para as coisas. Este mesmo branco pode ser considerado inadequadamente, isto é, como uma cor própria às coisas, ou adequadamente, como a ideia que a mente faz de uma afecção corpórea resultante da percepção de um conjunto de raios luminosos no qual todos os raios são refletidos sem alteração por uma superfície plana.<sup>21</sup>

Mas este branco, enquanto ideia, envolve, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior e a natureza do corpo afetado e, por isso, envolve, também, outras afecções presentes no corpo afetado (E II P 16 cor.2). Assim, se o corpo é afetado por um conjunto de raios refletidos homogeneamente por uma superfície perfeitamente plana ao mesmo tempo em que é afetado por alguma doença, pelo cheiro de éter do hospital, etc., a imaginação deste branco envolverá também estas outras afecções. Explica-se assim, a natureza associativa da memória.

#### IV. CONCLUSÃO

Ao servir-se da distinção entre imaginações e imagens para assinalar, respectivamente, a afecção mental e a afecção corpórea, Espinosa separa, naquilo que ele denominara de sensação [*sensatio*], o que é corpóreo do que é mental. Evita-se, dessa maneira, a ambivalência do termo *sensatio*, empregado em sua juventude, e que designava algo mental, mas que era produzido pelo corpo. Note-se que, ao explicar a imagem e a

21 Sobre a definição da cor branca como sendo um conjunto de raios luminosos refletidos homogeneamente por uma superfície plana, cf. Carta 9 (ESPINOSA, 1925, G IV 46).

imaginação, Espinosa não mais recorre à noção de espíritos animais, já inteiramente abandonada.<sup>22</sup> Isto porque, não mais operando com a noção de sensação e a posição ambígua ocupada pela mesma, Espinosa não mais tem necessidade de conceber um elemento que faça a mediação entre corpo e mente para explicar os dados da percepção sensível. A noção de imagem, trazida à tona pela *Ética* como sendo uma afecção meramente corpórea, e designando o mecanismo corpóreo envolvido na percepção sensível dentro de um sistema onde não há interação causal, torna desnecessário o recurso aos espíritos animais. Desse modo, o advento da noção de imagem, concebida para oferecer uma contrapartida física da imaginação, permite a Espinosa distinguir dois lados de uma mesma moeda, permitindo colocar a imaginação inteiramente do lado do pensamento, e retirando-a do posto de intermediário entre o corpo e a mente, por ela ocupado na época do *TIE*. Note-se, ainda, que esta mesma definição de imagem não está presente nos *Pensamentos Metafísicos*, em que Espinosa ainda emprega o termo *sensatio* e define imaginar como “sentir os vestígios [*vestigia sentire*] deixados no cérebro pelo movimento dos espíritos animais” (ESPINOSA, 1925, CM, I, I; G I 234). Ainda que se diga — com razão — que os *Pensamentos Metafísicos* é uma obra composta como apêndice ao comentário elaborado à filosofia cartesiana, esta mesma concepção de que a imaginação forma as imagens a partir de vestígios também está presente na Carta 17, a Balling.<sup>23</sup> Com efeito, nesta carta Espinosa tanto afirma que a imaginação forma as imagens a partir dos vestígios,<sup>24</sup> como afirma que a imaginação é origi-

22 Noção que, aliás, consta na *Ética* apenas no prefácio da Quinta Parte, quando é duramente criticada. Fora este momento, a noção é inteiramente ausente da obra.

23 Além disso, a Carta 17, datada de 20 de Julho de 1664, é de um período próximo aos *PPC*, que fora publicado entre Agosto e Setembro de 1663 (cf. MIGNINI, 2007, p. 208).

24 “[...] de quo imaginatio non aliquam, è vestigio formet imaginem.” Carta 17

nada ou do corpo ou da mente.<sup>25</sup> Esta posição ambígua da imaginação, que tanto pode ser originada pelo corpo quanto pela mente, denota que o autor ainda pensava a relação corpo-mente a partir de uma relação causal.<sup>26</sup> Ademais, a afirmação de que a mente forma imagens a partir dos vestígios corpóreos configura-se como inaplicável à *Ética*, obra na qual é afirmado que a mente percebe tudo o que se passa em seu corpo, e não apenas os vestígios. Ocorre que a solução da formação das imaginações a partir dos vestígios implica que a mente percebe apenas o último termo do movimento dos espíritos animais; este último termo, por sua vez, causaria as imaginações<sup>27</sup> ou sensações (*sensatio*), que seriam como que o prolongamento do movimento dos espíritos animais na mente. Isto significa dizer que a solução ao problema da imaginação, em termos de vestígios, configura-se adequada quando se concebe a relação da mente com o corpo intermediada por alguma sorte de causalidade, mas é inteiramente inútil quando se anula esta relação, tal como ocorre na *Ética*.<sup>28</sup> Além disso, ao oferecer uma definição de imagem em termos

(ESPINOSA, 1925, G IV 77).

25 “Effectūs imaginationis ex constitutione vel Corporis vel Mentis oriuntur” Carta 17 (ESPINOSA, 1925, G IV 77).

26 Assim, dado que (i) a definição de substância enunciada pela *Ética* já estava presente desde a Carta 9 (data provável de final de fevereiro de 1663); (ii) que também nesta carta a definição de atributo já está muito próxima daquela que seria enunciada pela *Ética*; e que (iii) em julho de 1664 Espinosa ainda operava com a concepção de que a mente forma as imaginações a partir dos vestígios, e que a imaginação ainda ocupa o posto ambíguo entre o corpo e a mente; então, é muito provável que a definição de imagem, o mecanismo pelos quais elas se formam, bem como a redefinição de imaginação tenham sido um dos últimos passos para o abandono da interação causal entre corpo e mente.

27 Imaginação e sensação, aqui, entendidos conforme a concepção enunciada no *TIE*, e não na *Ética*.

28 Apesar das belas soluções encontradas a alguns problemas ligados à imaginação e à linguagem na filosofia de Espinosa, Vinciguerra (cf. VINCIGUERRA, 2005; VINCIGUERRA,

dinâmicos, e não estáticos, Espinosa oferece um análogo corpóreo da ideia que é perfeitamente condizente com a concepção da mesma como uma narrativa mental.

2012) termina por ignorar a história da obra, e, assim, transpõe a solução oferecida pelo autor em sua juventude, quando operava com a causalidade entre corpo e mente, para a sua maturidade, quando essa causalidade é abandonada, e, com ela, a afirmação de que a mente forma as imaginações a partir dos vestígios. Se os vestígios intervêm na *Ética* não é para que a mente forme ideias a partir deles, mesmo porque, na *Ética*, a mente percebe tudo o que se passa no corpo, e não apenas os seus vestígios. Se os vestígios intervêm na *Ética* é para determinar o ângulo de rebatimento da parte fluida do corpo, e este rebatimento é o que se chama imagem.

## IMAGE AND IMAGINATION IN THE *ETHICS*: FOR A DYNAMIC THEORY OF IMAGINATION IN SPINOZA

ABSTRACT: The article discusses the notions of image and imagination in Spinoza's *Ethics*. The analysis will begin by listing passages where Spinoza refers to images as affections of the body and to imaginations as affections of the mind. In a second moment, the text will go to EIP-17cor, according to which the generation of images will be analyzed. At this point, it will be highlighted that movement — not trace — is what constitutes the essence of images. Next, the generation of imaginations in the mind will be analyzed and some comments on Spinoza's conception of memory will be made. Finally, it should be noted that the article is limited to the *Ethics* because this work brings significant changes in the way Spinoza thinks this topic in relation to his texts of youth.

KEYWORDS: Spinoza, Ethics, image, imagination, memory, movement.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESPINOZA, B. (1925). *Spinoza Opera*. Im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg: Carl Winter. (4 vols.)

\_\_\_\_\_. (1983). Pensamentos metafísicos. In: *Espinosa – Vida e Obra*. São Paulo: Editora Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. (2004). *Tratado da reforma da inteligência*. Tradução, introdução e notas de Lívio Teixeira. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (2009). *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

\_\_\_\_\_. (2012). *Breve Tratado de Deus, do homem e de seu bem estar*. Tradu-

ção e notas de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luís César Guimarães Oliva. São Paulo: Autêntica.

\_\_\_\_\_. (2014). *Spinoza: Obra completa*. Tradução de notas por Jacob Guinsburg e Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva. (4 vols.)

FERREIRA, G. (2018). Matéria e movimento em Espinosa: o que pode um corpo e algumas questões para a contemporaneidade. In: *Modernos & Contemporâneos*, Campinas, v.2, n.4, p. 147-167, jul./dez., 2018.

GLEIZER, M. (1998). Espinosa e a idéia quadro cartesiana. In: *Analytica*, v. 3, n. 1, p. 75-89, 1998.

MACHEREY, P. (1997). *Introduction à l'Éthique de Spinoza: la deuxième partie – la réalité mentale*. Paris: Presses Universitaires de France.

MIGNINI, Filippo. (2007). Principi della filosofia di Cartesio: Introduzione. In: MIGNINI, Filippo. *Spinoza Opere*. A cura e con un saggio introduttivo di Filippo Mignini. Traduzioni e note di Filippo Mignini e Omero Proietti. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, p. 207-217.

REZENDE, C. (2004). Os perigos da razão segundo Espinosa: a inadequação do terceiro modo de perceber no *Tratado da emenda do intelecto*. In: *Cad. Hist. Fil. Ci.*, Campinas, série 3, v. 14, n. 1, p. 59-118, jan-jun. 2004.

\_\_\_\_\_. (2009). *Intellectus Fabrica: um ensaio sobre a teoria da definição no Tractatus de Intellectus Emendatione de Espinosa*. São Paulo (SP), 317p. Tese apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo.

VINCIGUERRA, L. (2005). *Spinoza et le signe: la genèse de l'imagination*. Paris: Vrin.

\_\_\_\_\_. (2012). Mark, Image, Sign: A Semiotic Approach to Spinoza. In: *European Journal of Philosophy*, v. 20, n°1, p. 130-144, 2012.

ZOURABICHVILI, F. (2002). *Spinoza: une physique de la pensée*. Paris: Presses Universitaires de France.